



PAISAGEM DAS FAVELAS DO BAIRRO SAPIRANGA/COITÉ, FORTALEZA-CE: VIDA COTIDIANA PARA ALÉM DA CASA

Landscape of slums of Sapiranga/Coité district, Fortaleza-CE: everyday life beyond the house

Paisaje de las favelas del barrio Sapiranga/Coité, Fortaleza-CE: vida cotidiana más allá de la casa

Yara Maria Castro de Oliveira¹

José Meneleu Neto²

Tasso Ivo de Oliveira Neto³

RESUMO

A favela, historicamente, foi relegada a lugar de marginalidade, insalubridade, lócus de doenças e de outras mazelas sociais. Vista como negação da cidade, é hoje reconhecida como parte da paisagem urbana. Mesmo não apresentando uma arquitetura padrão, desenha no espaço citadino um traço singular, vibrante, marca da reprodução cotidiana da vida. Dentro do contexto de Fortaleza/CE, o bairro Sapiranga/Coité apresenta altos índices de favelização nos mapeamentos da cidade, embora se localize numa área de expansão do mercado imobiliário, setor sudeste da cidade. Apreender a paisagem das favelas da Sapiranga/Coité é compreender o espaço para além da sua manifestação formal, é dar vida a espaços que despertam nossos sentidos (olfato, audição, visão) e que tradicionalmente resistem às investidas da especulação imobiliária. Reconstruindo, assim, uma paisagem ditada pelas necessidades.

Palavras-chave: Paisagem. Favela. Bairro Sapiranga/Coité.

ABSTRACT

The slum, historically, has always been relegated to a place of marginality, insalubrity, locus of disease and other social ills. Seen as a city denial, it is now recognized as part of the urban landscape. Even without presenting a standard architecture, it draws in the city space a singular, vibrant trait, a mark of the daily reproduction of life. In the context of Fortaleza/CE, the Sapiranga/Coité district presents high slum areas rates in the city mappings, although it is located in a property market expansion area, in southeastern city's sector. To seize the Sapiranga/Coité shantytown landscape is understand space beyond its formal manifestation, is to give life to spaces that awaken our senses (smell, hearing, vision), and which traditionally resist to the real estate speculation onslaughts. Rebuilding a landscape dictated by its needs.

Keywords: Landscape. Slum. Sapiranga/Coité District.

RESUMEN

La favela, históricamente, fue relegada a un lugar de marginalidad, insalubre, locus de enfermedades y de otras molestias sociales. Vista como negación de la ciudad, es hoy reconocida como parte del paisaje urbano. Aunque no presenta una arquitectura padrón, dibuja en el espacio ciudad un trazo singular, vibrante, marca de la reproducción cotidiana de la vida. En el contexto de Fortaleza/CE, el barrio Sapiranga/Coité presenta altos índices de favelización en los mapeos de la ciudad, incluso si se ubica en área de expansión del mercado inmobiliario, sector sudeste de la ciudad. Incautar la paisaje de las favelas de Sapiranga/Coité es comprender el espacio más allá de su manifestación formal, es dar vida a espacios que despiertan con

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará. Email: yaramariacastro@gmail.com.

² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia e Coordenador do Laboratório de Estudos de População (LEPOP) da Universidade Estadual do Ceará. Email: jmeneleu@gmail.com.

³ Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará. Email: tassoivo@hotmail.com.

nuestros sentidos (olfato, audición, visión), y que tradicionalmente resisten las concedidas de la especulación inmobiliaria. Reconstruyendo, así, un paisaje dictado por las necesidades.

Palabras clave: Paisaje. Favela. Barrio Sapiranga/Coité.

INTRODUÇÃO

A ideia homogênea do que é cidade, vinculada ao modelo de espaço agradável, saudável, moderno e civilizado, relega à cidade ilegal (favelas) a espaços de desconformidade com as normas, negando o exemplo de cidade padrão.

Entretanto, compreende-se que as favelas são constituídas por moradias originais dentro do conjunto da cidade, as quais compõem o tecido urbano, desta maneira, são ocupações que se incluem no espaço urbano. Todavia, suas paisagens não seguem determinados padrões arquitetônicos, ordenados hegemonicamente pelo Estado e pelo mercado imobiliário para as cidades (BARSOSA; SILVA, 2009).

A escolha da Sapiranga/Coité dá-se por mais da metade de sua população habitar as áreas de favelas (61%), mesmo o bairro se localizando em área de expansão imobiliária, setor sudeste de Fortaleza. Na lógica capitalista, a classe trabalhadora é a que mais sofre com a valorização da terra urbana, pois mesmo com maiores necessidades de permanecer no local, seja por proximidade do trabalho ou pelos laços identitários criados no lugar, esse contingente é empurrado para áreas cada vez mais distantes dos seus locais de trabalho (SILVA, 1992).

A paisagem como ponto de análise dos 29 assentamentos informais do bairro possibilita que a pesquisa não inicie a partir do abstrato. Com a paisagem é possível apreender as favelas do bairro Sapiranga/Coité pelo visual, através da morfologia das casas, das diferentes cores das ruas, dos seus cheiros, dos odores, ou seja, perceber a dinâmica aparente dessas áreas singulares.

A Geografia, enquanto ciência social, apresenta ao pesquisador uma gama de percursos teórico-metodológicos a serem seguidos, cabendo ao autor escolher o caminho mais coerente com sua proposta de trabalho. Nesta pesquisa, a área de concentração escolhida para desenvolver a investigação foi a da Geografia Urbana, embora também trabalhe com outras fontes das Ciências Sociais (Urbanismo, História, Sociologia).

O que se pretende realizar com essa pesquisa não é a utilização de um pensamento dogmático e atrasado, mas o uso de um conhecimento que possibilite o aprofundamento no objeto estudado e apreender seu movimento real e concreto. Acredita-se que essa análise é possível com o materialismo histórico e dialético, que tem como princípio a ação humana transformadora. Dentro desta concepção de mundo, o materialismo que se constrói não é mecanicista, mas, sim, de caráter histórico, social e dialético.

A elaboração do referencial teórico é um dos elementos mais importantes na construção da pesquisa acadêmica, pois permite que o pesquisador conheça melhor o tema estudado. A revisão de literatura acerca do assunto auxilia na fundamentação teórica, referendando-se em trabalhos anteriores que já trataram o tema pesquisado, possibilitando que se trabalhe coerentemente com o conjunto de teorias e conceitos elencados.

Foram realizados campos nos assentamentos informais do bairro Sapiranga/Coité, as visitas ocorrem entre os anos de 2016 e 2017. Entende-se que o trabalho de campo em pesquisa qualitativa compõe-se como etapa fundamental, pois possibilita a interação entre pesquisador e sujeitos envolvidos. No campo foi possível: realizar o registro fotográfico das áreas informais, confirmar a delimitação dos assentamentos, conversar informalmente com alguns moradores e perceber a riqueza da paisagem dos espaços de favelas.

No trabalho, adota-se as variáveis *aglomerado subnormal*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), e *assentamento precário* do Plano Local de Habitação de Interesse Social de Fortaleza – PLHISFor (2013; 2011), elaborado pela Fundação de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza – HABITAFOR, da Prefeitura Municipal de Fortaleza – PMF.

Os dados são usados como recurso metodológico que representam a habitação popular em Fortaleza e no bairro Sapiranga/Coité, equiparando-os, em geral, ao conceito de favela. Apesar dos problemas metodológicos relativos aos aglomerados subnormais (SILVA, 2013), a utilização dessa metodologia, para caracterizar os aspectos da moradia e da população pobre no Brasil, ainda é válida, pois em nível nacional essas informações são únicas, sintetizadas, comparáveis e indicativas da realidade social.

FAVELIZAÇÃO: PRINCIPAL FORMA DE PRECARIZAÇÃO DA PRODUÇÃO HABITACIONAL

Atualmente, as favelas são compreendidas como parte da paisagem urbana das cidades brasileiras, entretanto, houve demora no reconhecimento desses assentamentos como forma de moradia cidadina (PEQUENO, 2008). Ao longo do século XX, estas áreas foram alvo de ações de políticas públicas que, a princípio, realizavam a remoção das favelas como única alternativa válida para sanar vários problemas atrelados a esses assentados: lugar de marginalidade, insalubridade, lócus de doenças e de outras mazelas sociais.

Havendo, posteriormente, uma avaliação em relação aos programas de desfavelamento e à adoção pelo Estado de uma política de reurbanização das favelas, melhorando a infraestrutura da área, em alguns casos regularizando a terra, possibilitando, assim, a permanência de seus moradores no local. Entretanto, as políticas públicas voltadas para as favelas não resolveram a questão da habitação precária no Brasil, apenas amenizaram alguns de seus problemas.

Taschner (2009) afirma que “favelas, cortiços e periferias desprovidas de serviços farão parte da paisagem urbana brasileira no próximo milênio” (TASCHNER, 2003, p. 39), afirmativa que deve ser considerada, dado o crescimento do número de assentamentos precários no País.

No último Censo (2010), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE registrou 6.329 *aglomerados subnormais*³, identificados em 323 municípios brasileiros, sendo 88,2% deles localizados em regiões metropolitanas com mais de 1 milhão de habitantes. Isso ocorreu principalmente nas regiões Nordeste, Sul e Sudeste, destacando-se essa última ao concentrar 49,8% do total (OLIVEIRA; OLIVEIRA NETO, 2014).

A desigualdade socioespacial sempre esteve presente no processo de urbanização brasileira, principalmente através da institucionalização da propriedade privada da terra e da constituição da sociabilidade que se constrói, até os dias atuais, sobre relações autoritárias. Consolidando, assim, uma sociedade que “naturaliza as explorações, as expropriações, as hierarquizações, a pobreza, a espoliação, e que claramente está expressa na paisagem atual das cidades” (RIBEIRO, 2015, p. 171).

A modernização da agricultura somada à exploração do trabalhador rural fortaleceu o movimento migratório da população do campo para as regiões urbanas de todo o país. Resultando em maiores proporções dos problemas citadinos, dentre eles a questão da habitação: “Estes fatores conjugados com o empobrecimento da classe trabalhadora, e o maior custo de vida urbano foram favoráveis ao intenso aparecimento de aglomerados habitacionais empobrecidos, dentre eles as favelas, nas cidades brasileiras” (CARLEIAL; ARAÚJO, 2010, p. 53).

Na metrópole Fortaleza, a exemplo da realidade vivenciada em outras grandes cidades do país, o crescimento urbano é caracterizado por um desenvolvimento desigual e excludente, produzindo, assim, espaços de contradição. A forma como as cidades vão se urbanizando e crescendo, imbricadas no processo de acumulação de capitais, valorizam e diferenciam espaços, produzindo a pobreza e a miséria (DIAS, 2014).

Fortaleza assume, neste momento histórico, a forma da metrópole, revelando em seu espaço as possibilidades concretas da realização da cidade atual: “A nosso ver o termo “metrópole” revela um momento histórico do processo de reprodução da cidade, portanto, não estamos diante de um novo processo, mas de transformações históricas no processo de constituição do espaço urbano” (CARLOS, 2001, p. 12).

Assim, a noção de cidade aparece como categoria central de análise ao relevar em sua materialidade os processos históricos de produção do espaço urbano (CARLOS, 2001). Continuando o pensamento da

³ Para o IBGE (2010), os aglomerados subnormais são classificados como recortes territoriais específicos, constituído total ou parcialmente por no mínimo 51 unidades habitacionais densas e desordenadas, carentes de serviços essenciais e com ocupação ilegal da terra. Apreendem uma diversidade de assentamentos existentes no Brasil conhecidos como: favelas, invasão, grota, baixada, comunidade, vila, ressaca, palafita, mocambo, entre outros.

autora, percebe-se que o espaço revela, por um lado, o plano do abstrato, quando corresponde a uma realidade global, e o plano do concreto, realizado pelas práticas socioespaciais.

No plano do concreto definido pelo recorte temático da habitação, a metrópole Fortaleza tem a favelização como sua principal forma de precarização da produção habitacional, obtendo percentuais de 40% do total de suas moradias (SANTOS, 2015).

As ocupações irregulares ocorrem em terrenos próximos à via férrea e às industriais, em áreas da marinha e de preservação ambiental (dunas, margens de rios e lagoas), locais normalmente desprezados pelo mercado imobiliário formal. Visíveis para Pequeno (2008, p. 19) “como fragmentos de tecido urbano caracterizam-se pela pequena dimensão dos lotes, pelos caminhos tortuosos e pela intensa ocupação do solo”.

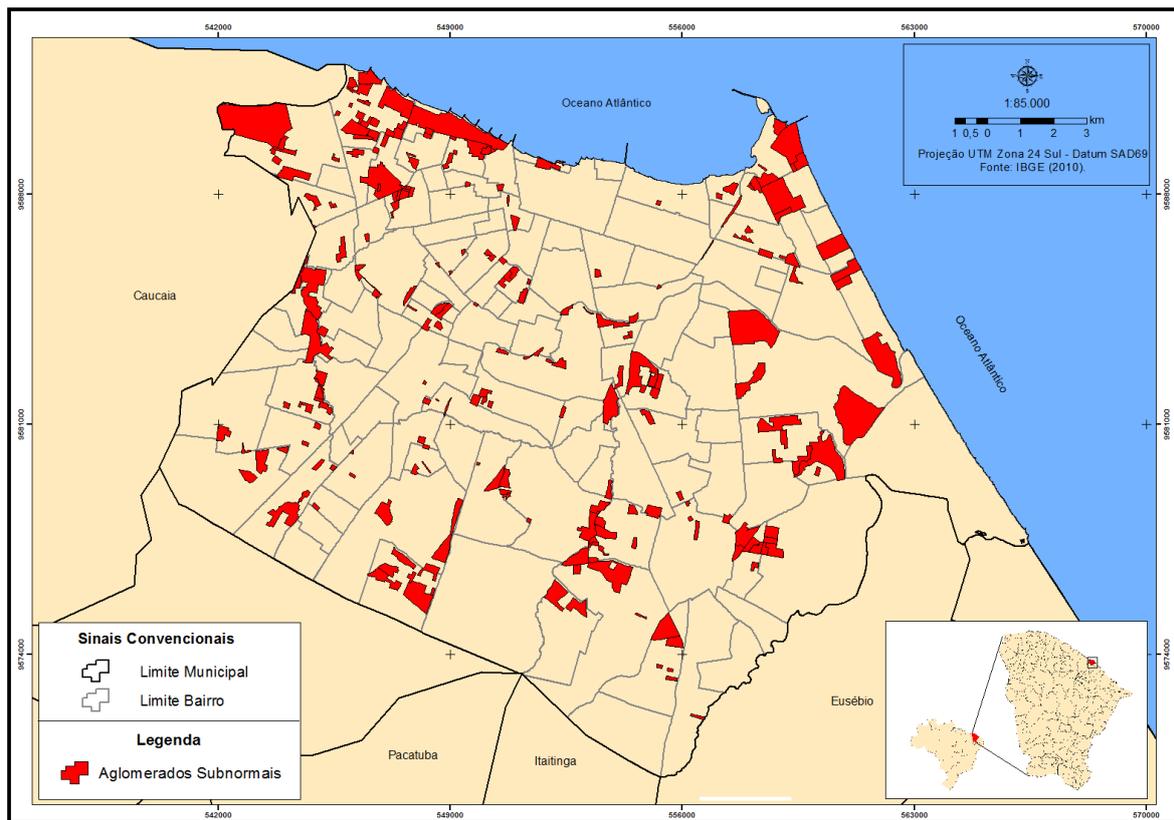
Para muitos autores (SOUZA, 1978; SILVA, 1992; COSTA, 2005), o aparecimento dos primeiros aglomerados com características de favelas em Fortaleza datam da década de 1930. Sendo originários do fluxo migratório intenso do campo para a cidade.

De acordo com o IBGE (2010), a cidade de Fortaleza se encaixa como o 4º município com o maior número de *aglomerados subnormais* do País, totalizando 194 registros. A sua frente estão as cidades de São Paulo, com 1.020 aglomerados; do Rio de Janeiro, com 763; e Salvador, na Bahia, com 242 ocorrências.

Percebe-se na figura 1, que os aglomerados precários se espacializam pela maioria dos bairros da capital cearense, passando a informalidade a ser um meio possível de escapar dos altos preços determinados pelo mercado imobiliário formal. “Essa estratégia se adapta à lógica de expansão capitalista especulativa da terra urbana, redistribuindo no espaço, ao mesmo tempo, os pobres em habitações precárias e os ricos em habitações de qualidade [...]” (OLIVEIRA; OLIVEIRA NETO, 2014), ressaltando a opulência convivendo com a miséria, já constatada por Carleial e Araújo (2003).

Dos 2.448.920 fortalezenses, 396.370 mil moram em aglomerados subnormais, ou seja, 16,18%, porcentagem maior que a média nacional, que é de 6%. Dos domicílios em situação de subnormalidade são contabilizados 109.122 mil espalhados por todo o território da capital, resultando em uma média geral de pessoas por domicílios de 3,6% (IBGE, 2010). Em 88,3% dos domicílios informais, o rendimento mensal é de até um salário mínimo, dado suficiente para comprovar que nessas áreas estão concentrados os pobres. Além de pobres, jovens de cor parda, logo, isso significa que a juventude pobre e parda não está na prioridade do atendimento social dos governos (OLIVEIRA; OLIVEIRA NETO, 2014).

Figura 1: Localização dos *Aglomerados Subnormais* de Fortaleza, IBGE – 2010.



Fonte: OLIVEIRA; OLIVEIRA NETO, 2014.

Os dados do PLHISFor (PREFEITURA, 2013) apontam para o total de 843 assentamentos precários, divididos em oito tipologias habitacionais. O tipo favela predomina na classificação com o total de 622 ocorrências, perfazendo um total de 74% das habitações precárias da capital.

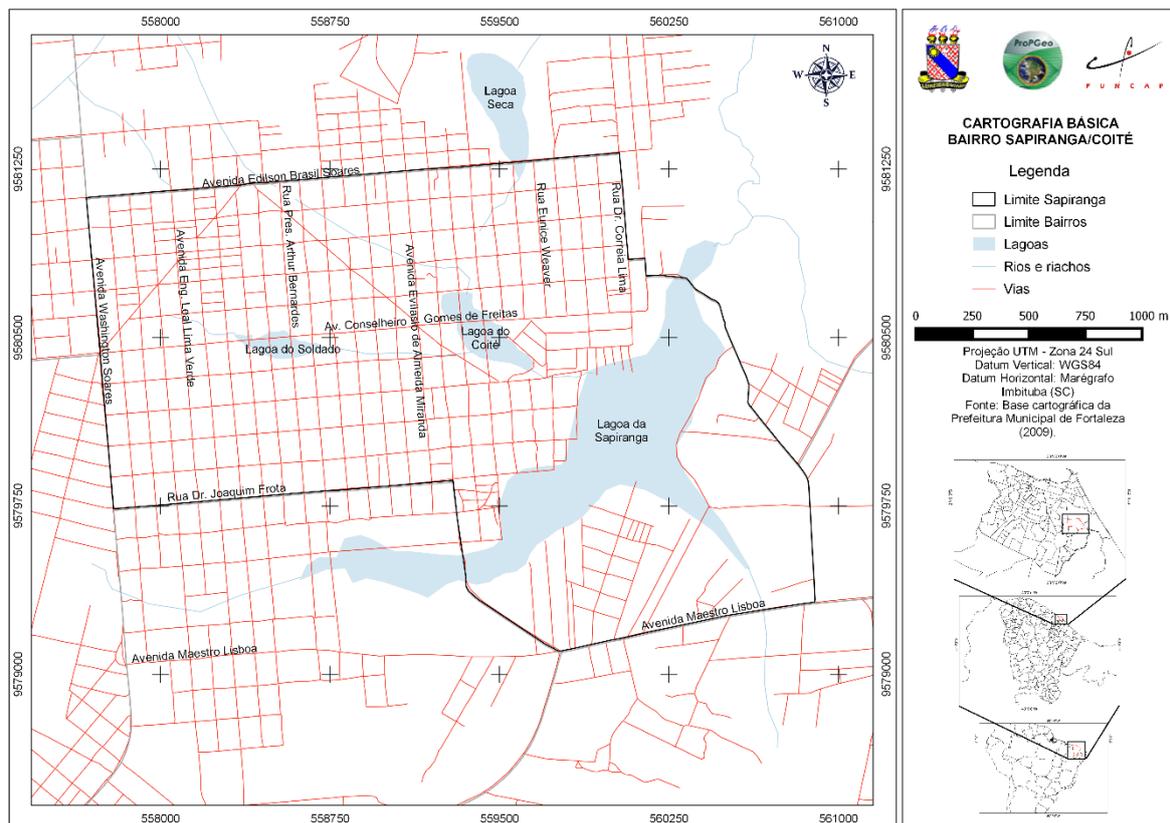
Percebe-se que nas variáveis apresentadas pela municipalidade o percentual de assentamentos precários de Fortaleza é bem maior comparado aos dados fornecidos pelo IBGE em 2010. Para Araújo (2010), atualmente o que predomina na cidade de Fortaleza é a fragmentação da cidade em favelas de pequeno e médio porte, sendo elas lugares de trabalhadores.

CONTRADIÇÕES NA PRODUÇÃO ESPACIAL DO BAIRRO SAPIRANGA/COITÉ

Fortaleza é administrada por seis Secretarias Executivas Regionais – SER, as quais tem o papel de auxiliar na organização administrativa do município. Entre elas a SER VI é a que tem maior porcentagem de assentamentos precários da cidade, totalizando 32% (FORTALEZA, 2013), e é nessa regional que se inclui o bairro Sapiroanga/Coité (Figura 2), área escolhida como recorte empírico/espacial desta pesquisa.

O bairro em destaque apresenta características concentradas de contrastes sociais bem marcantes, as quais despertam no pesquisador o anseio em desnudá-lo, sendo elas: preservação e degradação ambiental, violência urbana, valorização imobiliária, um número considerado de assentamentos favelados, vazios urbanos e uma larga delimitação das chamadas Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS.

Figura 2: Mapa de Localização com a cartografia básica do bairro Sapiranga/Coité.



Fonte: Elaboração da autora, 2017.

Localizado no setor sudeste da metrópole Fortaleza, estabelece fronteira com os bairros Edson Queiroz, Parque Manibura, Cidade dos Funcionários, José de Alencar, Lagoa Redonda e Sabiaguaba (CARLEIAL; ARAÚJO, 2010). Dentro do seu território existem duas lagoas que dão nome ao bairro, a da Sapiranga e a do Coité, e outros recursos hídricos de superfície que drenam a área.

Souza (2009), em seu diagnóstico geoambiental do município de Fortaleza, classifica o bairro quase todo com o predomínio de tabuleiro pré-litorâneo, com a presença de corpos hídricos, destacando as lagoas já citadas, e ao seu redor, áreas de planícies lacustres. As características ambientais do bairro são bem fortes, possuindo diversos componentes hídricos que deságuam no rio Cocó.

A Sapiranga/Coité, desde a década de 1990, passa por um processo de valorização imobiliária com a construção de condomínios fechados horizontais de médio e alto padrão, e também casa em série de média e

alta renda, decorrentes do eixo de expansão da avenida Washington Soares. Consequentemente, a população do bairro cresceu bastante desde 1990 até os dias atuais.

Em vinte anos, a população do bairro mais que triplicou, passando de 9.130 habitantes em 1991 para 23.399 no ano 2000, chegando a 32.158 pessoas em 2010 (IBGE, 1991; 2000; 2010). Parte considerada desses novos moradores vêm atraída por melhores infraestruturas, serviços e equipamentos públicos e privados instalados na área.

Entretanto, ao mesmo tempo que cresce a valorização do bairro Sapiranga/Coité, dado pelo aumento dos preços dos terrenos e pela infraestrutura agregada a ele e nos bairros circunvizinhos, há também o aumento do número de favelas e favelados na área, de acordo com os dados dos censos do IBGE de 1991, 2000 e 2010. Observa-se o aumento do número da população moradora em favelas, em comparação com a população total do bairro, corresponde respectivamente 18,6%, 36% e de 39,2%.

A Prefeitura de Fortaleza (2011) identifica no bairro 29 *assentamentos precários*⁴, os quais se dividem em favelas, mutirões e áreas de risco. Santos (2015) assevera que o bairro “Sapiranga/Coité teve sua história marcada pelo processo de favelização, apresentando altos percentuais de participação nos mapeamentos de favelas da cidade” (SANTOS, 2015, p. 241).

Compreende-se que o aumento das favelas em espaços valorizados na cidade não se apresenta como um processo comum, a tendência é a expulsão das camadas populares para outros bairros que se localizam, em grande parte, em regiões mais periféricas. Na lógica capitalista, a classe trabalhadora é a que mais sofre com a valorização da terra urbana, pois mesmo com maiores necessidades de permanecer no local, seja por proximidade do trabalho ou pelos laços identitários criados no lugar, esse contingente é empurrado para áreas cada vez mais distantes dos seus locais de trabalho.

Assim,

O espaço do bairro é atualmente marcado pela fragmentação social e pelas disparidades socioespaciais, pois embora a distância física entre condomínios e ocupações/favelas esteja cada vez menor, a distância social se aprofunda com os muros (materiais e imateriais)” (SANTOS, 2015, p. 205).

PAISAGEM HUMANA, HISTÓRICA E SOCIAL

A apreensão da paisagem das favelas da Sapiranga/Coité como procedimento de análise do objeto desta pesquisa realiza-se, pois ela (a paisagem) tem um papel relevante na compreensão do espaço, indo além da manifestação formal (CARLOS, 1994).

⁴ Os *assentamentos precários* seriam todas as áreas que necessitam de intervenção pública relacionadas às necessidades habitacionais, sejam qualitativas ou quantitativas, e que possuem as características morfológicas (físicas) que as diferenciem do seu entorno, que sejam ocupadas por população de baixa renda e que inexista a regularização urbanística ou fundiária.

Assim, concorda-se com as asseverações de Carlos ao assegurar que:

Em síntese, pode-se afirmar que as coisas não se constituem sem que apareçam de certa forma e sejam capazes de serem apreendidas, analisadas, logo entendidas. É a partir daquilo que aparece aos olhos do pesquisador que as questões se colocam e o processo de conhecimento se desencadeia (CARLOS, 2001, p. 24).

A paisagem (urbana) a princípio é colocada como um elemento visível, cabendo ao pesquisador intuir, avaliar e compreendê-la “como representação de relações sociais reais que a sociedade cria a cada momento do seu processo de desenvolvimento” (CARLOS, 1994, p. 44), logo ela é uma forma concreta.

Ela é dinâmica, e este dinamismo é inerente a sua própria existência, a qual se fundamenta em relações contraditórias. Ela é trabalho materializado de várias gerações, é rede de relações estabelecida entre os seres humanos em sociedade, ela contém a dimensão histórica, sendo produtora e reprodutora da história. Enfim, a paisagem é humana, histórica e social (CARLOS, 1994).

Para Capel (2002), a morfologia urbana reflete as organizações econômicas e sociais, as estruturas políticas e os interesses de classes. E a missão do geógrafo e de outros cientistas é conseguir descobrir e interpretar a trama que está impressa na paisagem, visível para o observador atento. Ela é um texto escrito pela humanidade, a qual tem-se que saber ler.

Assim, para o autor, “si el espacio y el paisajem son un producto social, será posible partir de las formas espaciales que produce la sociedad para llegar desde ellas a los grupos sociales que las han construído” (CAPEL, 2002, p. 20). Desta maneira, acredita-se que a materialização dos processos postos à compreensão se revelam na morfologia espacial do bairro, já que dialeticamente forma e conteúdo se relacionam (RIBEIRO, 2010).

A paisagem do bairro Sapiranga/Coité é prenhe de elementos que são frutos dos processos de valorização espacial do sudeste de Fortaleza, estabelecendo-se diversos usos e ocupações da área “com a construção de grandes obras, aberturas de vias, instalação de infraestrutura e de equipamentos urbanos, incorporando a cidade novas áreas, onde eram antigos sítios ou áreas desocupadas” (SALVADOR; CARLEIAL, 2010).

Na marcha pelo bairro depara-se com diferentes usos do solo urbano, estimulando o pesquisador a pensar sobre as contradições existentes na produção espacial do bairro. Os distintos padrões construtivos de moradias, compondose com características de favela, bairro popular, condomínios fechados horizontais, casas luxuosas e vazios urbanos.

Neste artigo, destaque para os *assentamentos precários* da Sapiranga/Coité, os quais são habitados por 19.760 pessoas, perfazendo 61,4% do total do número de habitantes do bairro (FORTALEZA, 2011)⁵. Ou seja, mais da metade dos moradores da Sapiranga/Coité estão inseridos em alguma área informal.

Esta considerada parcela da população constitui paisagens singulares, onde a informalidade impera. São espaços de reprodução da vida, nos quais “[...] as reações que os indivíduos mantêm com o espaço habitado se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais e acidentais, na vida cotidiana” (CARLOS, 2001, p. 35).

A paisagem que surge à primeira vista como instantânea, é prenhe de movimento, de vida, de ações realizadas todos os dias pelos seres humanos para se manterem como membros de uma sociedade e também como espécie (CARLOS, 1994).

Ela é dinâmica, e este dinamismo é inerente a sua própria existência a qual se fundamenta em relações contraditórias. A paisagem é trabalho materializado de várias gerações, é rede de relações estabelecida entre os seres humanos em sociedade, ela contém a dimensão histórica sendo produtora e reprodutora da história. Enfim, a paisagem é humana, histórica e social (CARLOS, 1994).

PAISAGEM DAS FAVELAS DO BAIRRO SAPIRANGA/COITÉ: VIDA COTIDIANA PARA ALÉM DA CASA

A constituição da paisagem das favelas do bairro Sapiranga/Coité viabiliza a percepção da dinâmica do cotidiano vivido pelas pessoas, impressas na produção do espaço. Visto que historicamente as favelas foram descritas como lugares inóspitos, territórios da pobreza e de todo o tipo de “vagabundagem”, construindo no imaginário coletivo o contraponto entre favela e cidade.

No entanto, acredita-se que a “definição de favela não deve ser construída em torno do que ela não possui em relação ao modelo dominante de cidade. Pelo contrário, elas devem ser reconhecidas em sua especificidade socioterritorial” (BARBOSA; SILVA, 2009, p. 21).

A insistência em utilizar esta terminologia favela e não *aglomerados subnormais* ou *assentamento precário* é aceitável, pois considera-se as favelas como espaço particulares: “[...] terreno de habitação, subsistência, auto-organização e política” (ROY, 2017, p. 6). As quais, como já citado anteriormente, não segue padrões urbanísticos hegemônicos, definidos previamente pelo Estado e pelo mercado (BARSOSA, SILVA, 2009). Ela apresenta, em sua essência, um urbanismo vibrante (ROY, 2017), ou seja, a favela é lugar que vibra, forte, intenso e entusiasmado.

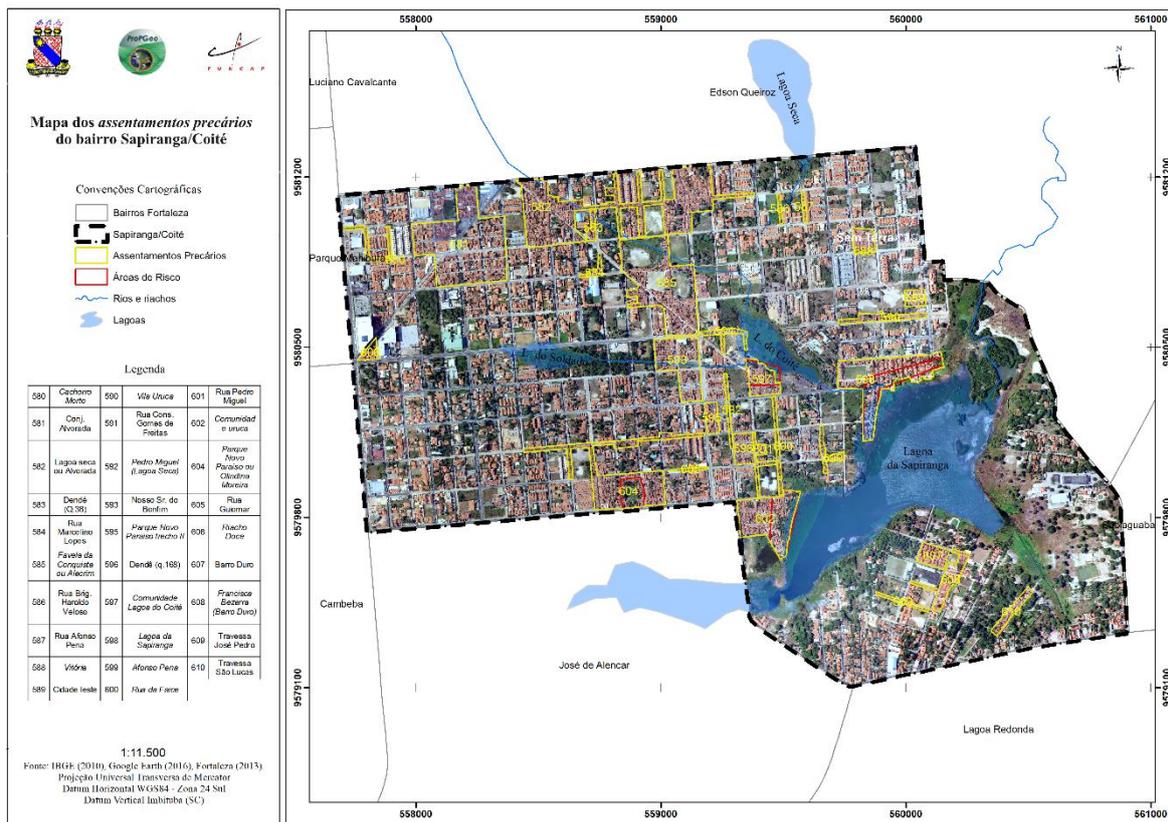
⁵ O banco de dados dos 29 assentamentos precários do bairro Sapiranga/Coité foi cedido pela doutora Elizete Santos, em 2015, para auxiliar a pesquisa de mestrado da autora. Santos, obteve acesso aos dados do PLHISfor através da versão extraoficial de 2011 cedida à pesquisa em atendimento ao Ofício nº 80/2010, datado de 28/09/2010.

Na cidade de Fortaleza, a prefeitura (2013) identifica o total de 866 assentamentos precários, divididos em oito tipologias habitacionais. Especificamente no bairro Sapiranga/Coité são reconhecidos 29, sendo a variável que mais aparece a do tipo favela (sem risco), com 18 ocorrências, somando mais 4 parcialmente em risco e 1 totalmente em risco, perfazendo 23 registros (Figura 3). Os outros assentamentos precários do bairro são todos do tipo mutirão, num montante de 6 aglomerados (FORTALEZA, 2011).

A paisagem da informalidade habitacional da Sapiranga/Coité é prenhe de vida, possuindo um total 19.760 habitantes, 7.163 famílias e 4.940 domicílios. As áreas de favela com seus caminhos de becos parecem mais um labirinto onde só quem é “da z área”⁶ consegue chegar ao lugar desejado.

São diversas passagens que não seguem um padrão arquitetônico tradicional, assim, quando se caminha por suas vias, se experimenta as curvas suaves proporcionadas pela disposição do lugar, as quais direcionam o andante para pontos diferentes do bairro. Sem metragens do começo e do fim de um novo beco, traçam-se caminhos construídos e pensados a partir das necessidades de seus moradores.

Figura 3: Localização dos assentamentos precários do bairro Sapiranga/Coité.



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

⁶ Termo utilizado pela população local para dizer que mora no lugar. A palavra seria “da área”, que na fala torna-se uma só palavra, assim, fala-se e escuta-se “da z área”.

Nos becos, o pavimento das ruas pode trazer o tipo de chão batido de areia que parece ser zelada diariamente, pois a área se encontra sem sujeira, com algumas espécies vegetais plantadas diretamente na terra, dispostas próximo às casas ou aos muros dos condomínios fechados horizontais. A tipologia desses lugares lembra áreas interioranas, ainda impregnadas da relação homem e natureza (Figura 4).

Outro tipo de piso encontrado é o feito de concreto pelos próprios moradores, característica que predomina nas favelas do bairro. Normalmente, o concreto não é liso, com buracos, algumas declividades e construído com materiais diferentes, como se cada habitante tivesse feito a parte da frente de sua casa. A preferência pelo piso de concreto dá-se pela possibilidade de canalizar o esgoto doméstico das casas para pequenas valas que se encontram no centro das vielas. O escoar das águas sujas sucede em alguns pontos por debaixo do concreto, assim sua passagem é invisibilizada, no entanto, normalmente a sujeira corre a céu aberto, exalando um cheiro forte de esgoto (Figura 5).

Figura 4 e 5: Becos do bairro Sapiranga/Coité.



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

As casas são dispostas umas ao lado das outras, bem juntinhas, como se fossem apenas uma grande residência com dezenas de portas e janelas gradeadas. As habitações seguem um padrão construtivo da alvenaria, com telhas de barro, mostrando-se pequena em sua largura, mas ganhando proporções em seu comprimento. Por isso, na maioria das casas enxerga-se apenas uma porta e uma janela voltada para a via principal: o beco (Figura 6).

Em alguns assentamentos constata-se a existência do acabamento das casas, com a frente da residência pintada, com portas e janelas em bom estado. Põem-se plantas ornamentais dispostas em vasos ou baldes próximos à residência, encontra-se também bancos de madeira colocados em cima de pequenas calçadas feitas pelo próprio morador (Figura 7).

Já em outras favelas, predomina-se a cor avermelhada dos tijolos das casas sem reboco e sem nenhum outro tipo de acabamento. Normalmente essas moradias se encontram na parte mais interna das favelas, onde a morfologia das casas é mais carente de infraestrutura.

Em algumas casas o que se vê encostado em suas portas são tijolos, pedras, morros de areia, madeiras, e outros materiais de construção. Estes elementos evidenciam a eterna autoconstrução das habitações pelos populares, sejam em áreas de favelas ou em bairros mais pobres. Maricato (2015) afirma que a habitação dos trabalhadores não é um problema para o capital, e em alguns casos nem para o Estado, assim, as moradias dos trabalhadores acabam sendo construídas por eles mesmos, em seus horários de descanso.

Figura 6 e 7: Características da paisagem das favelas. Casas construídas colocadas umas nas outras, na figura a direita percebe-se a realização caprichosa do acabamento das residências.



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Os becos acabam se tornando espaços de extensão das casas de favela, lugares onde se transborda vida. Escutam-se vozes conversando, gritando, rindo; diversos tipos de músicas saem das casas chegando

às moradias vizinhas e à rua, indo do funk ostentação ao hino evangélico; escutam-se os motores das motos; assovios de um ciclista chamando a atenção do pedestre; os ruídos alegres dos fregueses de um bar.

Além dos sons, misturam-se ao espaço os cheiros do já citado odor do esgoto, das casas, que corre lento indo parar provavelmente em um córrego próximo. Os moradores parecem se acostumar com esta fragrância incomum em outras partes da cidade e não se incomodam mais com ela. Há também o cheiro de “bagulho”⁷, que se alastra por uma parte do caminho, possivelmente vindo de um grupo de jovens rapazes sentados na calçada. Outro aroma que exala das habitações é o das comidas cozinhando, assando ou fritando, difundindo-se no ambiente e mexendo com as sensações do passante.

As crianças brincam de correr, enquanto um rapaz sentado à porta da sua casa espera o momento de tirar a tinta loira do cabelo, a moça caminha no beco com sacolas de plástico nas mãos, crê-se que acabou de sair do mercadinho mais próximo. Dois senhores de uns quarenta anos, desarrumados, sentam em uma calçada com a companhia de um litro de cachaça, enquanto isso, outros homens erguem mais um puxadinho em um ponto diferente da favela (Figura 8).

Cena comum são as roupas, recém-lavadas, estendidas nos varais, sejam na frente das casas ou mesmo nos muros dos fundos dos condomínios. As diversas peças de roupas com seus tons e tecidos aguçam nossa visão, dando um colorido diferente à paisagem das favelas (Figura 9).

Há uma variedade de pequenos comércios e serviços dentro dos becos. Alguns vendem o básico de alimentação, perfumaria e higiene, sendo normalmente edificadas em um cômodo antigo da casa que virou comércio, e o atendimento ao freguês é realizado através de uma janela retangular assegurada por uma grade. As mercearias oferecem uma variedade maior de mercadorias, podendo ser encontrado até frigorífico com venda de carnes; vende-se também frutas, verduras e legumes. Destacam-se outros tipos de comércio, como pequenas pizzarias, lanchonetes, *lan house*, cabeleireiro e bares encontrados na área.

⁷ Assim chamada a *Cannabis sativa* ou *maconha*, como denominada popularmente.

Figura 8 e 9. A esquerda a autoconstrução das casas feita pelos moradores e a direita um pequeno comércio no “Beco dos Pombos”.



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

São inúmeras vielas que abraçam cotidianamente milhares de vidas, as quais produzem um espaço particular onde a lei que impera não é apenas a do Estado, mas também a do tráfico de drogas.

A Sapiranga foi o primeiro bairro de Fortaleza a firmar paz entre gangues rivais que peleiam pelo mercado de drogas. O acordo foi estabelecido pelo Primeiro Comando da Capital – PCC (de São Paulo) e pelo Comando Vermelho – CV (do Rio de Janeiro), organizações criminosas de abrangência nacional que chegaram à capital cearense e alicerçaram gangues menores na periferia da cidade.

Os muros do bairro (Figura 5) confirmam as narrativas contadas pela imprensa e pela população, “falam” que a chefia da área está “agora” a cargo do PCC e do CV, que “agora” há novas regras e seu não cumprimento resulta em desfechos violentos.

Figura 5: Mensagens nos muros da Sapiranga/Coité.



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Entretanto, o fim da paz no bairro deu-se em outubro de 2016, rompendo o clima de calmaria que se alastrava há algum tempo. Segundo o jornal Diário do Nordeste (2016), o motivo ocorreu pelo término do pacto nacional entre as duas organizações criminosas PCC e CV. A cisão estaria ligada à disputa das duas organizações por comando de presídios no País e também pela liderança de rotas de tráfico internacionais (PAIVA, 2016). Logo, o comando do bairro passa a ser regido apenas pelo CV, juntamente com a amazonense Família do Norte – FDN.

O jornal El País apresenta alguns resultados desses conflitos, aponta que Fortaleza se transformou em arena de guerra, tornando-se no ano passado, 2017, a sétima região metropolitana mais violenta do mundo. Os dados apresentam que no Ceará os homicídios aumentaram 50,3% de 2016 para 2017 (BEDINELLI, 2018).

Assim, os conflitos existentes na produção contraditória do espaço urbano são evidenciados no bairro (SANTOS, 2015), imperando uma paisagem de vida, vibrante e singular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apreender a paisagem das favelas da Sapiranga/Coité, percebe-se que a imagem construída no imaginário coletivo que favela se resume a lugar de mazelas sociais, é apenas um arquétipo. O espaço da favela é reproduzido de acordo com as necessidades de seus moradores, os quais usam a criatividade para superar os obstáculos das desigualdades socioespaciais. Estes espaços transbordam vida, humanidades,

relações sociais que ocorrem para além do ambiente físico da casa. Assim, a rua torna-se extensão das moradias sendo utilizada para o encontro na calçada, para estender roupas molhadas, para a lavagem de veículos, moto e objetos grandes. Enfim, traz a possibilidade de a população transformar o solo urbano em valor de uso, indo ao encontro da dinâmica espacial da cidade dentro da lógica capitalista.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. M. M. **Fortaleza, metrópole regional**: trabalho, moradia e acumulação. Fortaleza: EdUece, 2010.
- AUTORIA DESCONHECIDA. Fim de trégua entre gangues aumenta violência no bairro Sapiranga. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 19 de outubro de 2016. Polícia. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/online/fim-de-tregua-entre-gangues-aumenta-violencia-no-bairro-sapiranga-1.1636973>>. Acesso em: 20 de janeiro 2018.
- BARBOSA, J. L.; SILVA, J. S. **O que é favela, afinal?** 1. ed. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas / BNDES, 2009.
- BEDINELLI, Talita. Fortaleza Sitiada. **El País**, Fortaleza, 26 de março de 2018. Crise de segurança pública no Brasil, Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/20/politica/1521569179_197468.html>. Acesso: 29 de março de 2018.
- CAPEL, Horacio. Paisaje geográfico y paisaje urbano. *In: La Morfología de las ciudades*. I. Sociedade, cultura y paisaje urbana. Barcelona: Sebal, 2002.
- CARLEIAL, A. N., ARAÚJO, A. M. M. (Org.). **Atlas de Fortaleza, 2000**. Fortaleza: EdUece, 2010.
- CARLEIAL, A. N., ARAÚJO, A. M. M. Oportunidade e miséria nos bairros de Fortaleza (Ceará/Brasil). **Scripta Nova/Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias Sociales**. Barcelona, 2003. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit>>. Acesso: 13/ jan./ 2014.
- CARLOS, A. F. A. **Espaço e Tempo na Metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. **A (Re) produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- COSTA, M. C. L. Fortaleza: expansão urbana e organização do espaço. *In: SILVA, J. B. da; CAVALCANTE, T. C.; DANTAS, E. W. C. (Org.). Ceará: um novo olhar geográfico*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2005, v. 1, p. 51-100.
- DIAS, S. D. de A. Favelas e Direito à cidade em Fortaleza. **Revista GeoUECE - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, Número Especial**, p.41-54, dezembro de 2014. Disponível em <http://seer.uece.br/geouece>. Acesso: 10/mar./ 2014.
- FORTALEZA. Prefeitura Municipal de Fortaleza. **Proposta Final do Plano Local de Habitação de Interesse Social de Fortaleza. Fortaleza - PLHISFor (complementada e revisada)**. Fundação de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza, 2013.
- IBGE. **Censo demográfico - 2010**. Rio de Janeiro, 2010.
- _____. **Censo demográfico - 2000**. Rio de Janeiro, 2000.
- _____. **Censo demográfico - 1991**. Rio de Janeiro, 1991.
- MARICATO, E. **Para entender a crise urbana**. 1.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- OLIVEIRA, Y. M. C. de. OLIVEIRA NETO, T. I. de. Aglomerados subnormais em Fortaleza: representações de desigualdades socioespaciais. **Revista GeoUECE**. Fortaleza, Número Especial, p. 41-54, dezembro de 2014. Disponível em <http://seer.uece.br/geouece>. Acesso: maio/2015.

- PAIVA, Thiago. Após suposto fim de trégua, Sapiranga tem o 1º homicídio em 2016. **O Povo**, Fortaleza, 20 de outubro de 2016. Cotidiano. Disponível em <<http://www20.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2016/10/20/noticiasjornalcotidiano,3664960/apos-suposto-fim-de-tregua-sapiranga-tem-1-homicidio-em-2016.shtml>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- PEQUENO, R. Políticas habitacionais, favelização e desigualdades sócio-espaciais nas cidades brasileiras: transformação e tendências. **Scripta Nova/Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias Sociales**. Barcelona, 2008. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit>>. Acesso: 18/mai./ 2015.
- RIBEIRO, F. V. Produção contraditória do espaço urbano e resistências. In: CARLOS, A. F. A. (org.) **Crise Urbana**. São Paulo: Contexto, 2015.
- ROY, Ananya. Cidades faveladas. Repensando o urbanismo subalterno. **e-metropolis/ Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais**. Rio de Janeiro, nº 31, ano 8, p. 6 – 21, dezembro de 2017. Disponível em <<http://observatoriodasmetrolopes.net.br/wp/revista-e-metropolis-no-31-%E2%8E%AE-cidades-faveladas-repensando-o-urbanismo-subalterno/>>. Acesso: 19/01/2018.
- SANTOS, E. de O. **Produção do espaço, habitação e circuito imobiliário em Fortaleza-Ce**: temporalidades e espacialidades no eixo sudeste de valorização da metrópole. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – UFC. Fortaleza, 2015.
- SOUZA, M. J. N. **Diagnóstico geoambiental do Município de Fortaleza**: subsídios ao macrozoneamento ambiental e à revisão do Plano Diretor Participativo – PDPFor. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2009.
- SOUZA, M. S. de. Fortaleza: uma análise da estrutura urbana: guia de excursões. In: **Encontro Nacional de Geógrafos**, 3., 1978, Fortaleza. Anais... Fortaleza: AGB/SUDEC/UFC, 1978.
- SILVA, J. B. da. **Os incomodados não se retiram**. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.
- TASCHNER, S. P. O Brasil e suas favelas. In: ABRAMO, P. (org.) **Cidade da Informalidade**. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, FAPERJ, 2003.